

# ASSIMETRIAS ROMÂNICAS: ESPANHOL NOSOTROS / VOSOTROS E CATALÃO NOSALTRES / VOSALTRES X PORTUGUÊS NÓS (OUTROS) / VÓS (OUTROS)\*

César Nardelli Cambraia\*\*

**Resumo:** *O presente trabalho tem como objetivos (a) apresentar uma resenha crítica dos estudos precedentes sobre a origem das formas compostas do pronome pessoal de 1ª e 2ª pessoas do plural em línguas românicas e (b) avaliar sua validade para explicar a história dessas formas na língua portuguesa.*

## 1. Introdução

Dentre os vários fatos lingüísticos que diferenciam as línguas românicas, é especialmente interessante a forma dos pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoa do plural: nos dias de hoje apresentam uma forma historicamente composta, p. ex., o espanhol (*nosotros/vosotros*) e o catalão (*nosaltres/vosaltres*), mas não o português (*nós/vós*) — embora se saiba que uma forma composta desses pronomes (*nós outros/vós outros*) tenha existido em estágios passados da língua portuguesa (cf. CAMBRAIA, 2002). Diante desses fatos, algumas questões despontam imediatamente: Por que há modernamente essa assimetria? Os fatores que determinaram a formação dos

---

\* Recebido para publicação em agosto de 2005.

\*\* Professor da Faculdade de Letras/UFMG.

pronomes compostos no espanhol e no catalão terão sido os mesmos que deram origem às formas portuguesas? Estaria a assimetria atual de alguma forma relacionada à natureza dos referidos fatores?

A fim de poder lançar luz sobre essas questões, apresenta-se aqui<sup>1</sup> uma resenha crítica das hipóteses já propostas para explicar a origem das formas compostas de pronomes pessoais em línguas românicas (com especial ênfase, no espanhol e no catalão) e, em seguida, faz-se uma breve avaliação de sua validade para a história da língua portuguesa.

## 2. Cronologia das hipóteses sobre a origem dos pronomes pessoais compostos

O presente recorrido sobre a literatura especializada terá como foco principal as línguas românicas da Península Ibérica, mas não se deixará de fazer menção a outras línguas românicas sempre que pertinente, pois a adoção de uma perspectiva românica na abordagem do fenômeno em questão seguramente beneficia a sua compreensão.

Especificamente em relação ao espanhol, a menção mais antiga<sup>2</sup> sobre as formas compostas parece estar em Nebrija (Nebrija, 1997 [1492<sup>1</sup>]:72), o qual afirma que duas são

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no *III Congresso Internacional da Abralin* (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 13-15 de março de 2002).

<sup>2</sup> Menção mais antiga às formas compostas, mas provençais, parece datar de meados séc. XIV: Meyer-Lübke (1974 [1890<sup>1</sup>]:103) assinala a existência, na obra *Leyes d'Amor*, 8, II, do seguinte trecho a propósito do pronome sujeito: “*vos ... prendem per singular si be ha vutz de plural e vos autri prendem per plural en vutz et en significat quar segons romans nos pauzam vosautri per una dictio so es per un mot*”. Tal dado sugere que a forma composta seria originalmente utilizada para marcar plural. Idéia acolhida por Wartburg (1953:192-193, 1957:634-636) para explicar a forma do provençal e de outras línguas românicas; especificamente em relação ao espanhol e ao português restringe-se a listar as respectivas formas compostas *nosotros/vosotros* e *nosoutros/vosoutros*.

as *figuras* do pronome - simples e composta<sup>3</sup> - e afirma que, em *nos otros* e *vos otros*, a segunda parte, tal como a palavra *mesmo*, “no añade sino una expressiõ 7 hemência<sup>4</sup> q̃ los griegos 7 los gramaticos latinos llamã emphasi”. Esse dado permite, assim, estabelecer uma primeira hipótese: **Hipótese I – As formas compostas eram originalmente enfáticas**<sup>5</sup>. Há, porém, dois problemas nessa hipótese: não houve explicitação do que se entende por *ênfase* e tampouco se identifica que valor semântico estaria sendo enfatizado.

Raynouard (1842:328), apresentando exemplos da literatura trovadoresca em francês e catalão antigos, informa que o pronome *nos* se juntava expletivamente a *altres*; e diz o mesmo ao tratar de *vos* e listar exemplos em provençal arcaico (RAYNOUARD, 1843:572)). Tem-se, assim, uma nova hipótese: **Hipótese II – As formas compostas eram originalmente expletivas**. Também aqui encontra-se um dos problemas da H-I: a não-definição do sentido de *expletivo*. Poder-se-ia, aliás, aventar a hipótese de que *ênfase* e *expletividade* teriam sido utilizados por diferentes autores para designar um mesmo conceito. Modernamente, porém, tais termos não são tratados necessariamente como sinônimos: Carreter (1987: 160 e 180) faz distinção entre *ênfase* (figura que se produz quando se dá a entender mais do que se disse ou se faz compreender o que não se disse) e *expletivo* (qualquer termo não estritamente

---

<sup>3</sup> Curiosamente, dentre as três mais antigas gramáticas do português (OLIVEIRA, 1988 [1536<sup>1</sup>]; BARROS, 1957 [1540<sup>1</sup>]; e LEÃO, 1983 [1576/1606<sup>1</sup>]), apenas a segunda menciona a forma composta, certamente parafraseando Nebrija, pois diz “Esta composição destas duas partes, *eu mesmo*, não faz mais que acrescentar u)a eficácia e veemência ao pronome, a que o Gregos chamam *Emphasim*, porque maior eficácia tem dizer *eu mesmo escrevi esta arte*, que *eu escrevi esta arte*. [S] E per esta figura dizemos, *nós outros*, e *outras (...)*” (p. 20).

<sup>4</sup> O esp. *hemencia* (esp. ant. *femencia* > lat. *vehementia*) significa *veemência, eficácia, atividade* (RAE, 1995: verbete *hemencia*).

<sup>5</sup> Para facilitar a referência às hipóteses arroladas, utilizar-se-á aqui a sigla H-I para **Hipótese I** e assim por diante.

necessário à frase). Já Câmara Jr. (1985: 107, 114 e 206) parece tê-los tratado igualmente, pois, embora tenha dedicado verbete distinto para cada termo, a definição é praticamente a mesma: *ênfase* seria “qualquer processo de linguagem destinado a dar especial relevo a uma enunciação” e *realce*, considerado sinônimo de *expletivo*, seria “qualquer processo lingüístico para pôr em relevo um ou mais termos da enunciação” - única diferença estaria na idéia de intensificação do relevo sugerida pelo adjetivo *especial* na primeira definição<sup>6</sup>.

Diferente hipótese pode-se perceber em Diez (1876 [1843<sup>1</sup>]:43-44)), ao afirmar que *nos* e *vos*, quando se prestam a designar uma classe de pessoas, geralmente se unem a *alteri* (afirma ainda que se faz em português um uso muito liberal de *nosoutros* e *vosoutros*, não tendo penetrado nessa língua a regra que havia citado: provavelmente a de designação de classe). Chega-se, por conseguinte, às seguintes novas hipóteses: **Hipótese III – As formas compostas originalmente designavam uma classe de pessoas/Hipótese IV – As formas compostas já existiriam no latim.**

Mais um passo adiante na análise do fenômeno foi dado por Meyer-Lübke (1974 [1890<sup>1</sup>]:103-104), ao propor que se utilizaria a forma reforçada *vos alteri* na situação em que não houvesse verbo e que o pronome se referisse a uma coletividade de indivíduos, estabelecendo-se, assim, uma oposição em relação ao tratamento a uma só pessoa por meio de *vos*. Citando variedades em que apenas a forma de segunda pessoa foi alongada ou em que é a mais freqüente, considera-a como o emprego mais antigo<sup>7</sup>. Tem-se aqui uma série de

---

<sup>6</sup> Câmara Jr. (1985:206) afirma ainda que as partículas de realce “não concorrem para a compreensão, mas para a expressividade”.

<sup>7</sup> Par (1923:22), com base na análise da língua do escritor catalão Bernat Metge (séc. XIV), reitera a proposta de Meyer-Lübke, afirmando não haver nenhuma ocorrência da primeira pessoa composta naquele corpus e ocorrer a de segunda sempre ocorrer com valor de pluralidade.

inovações na análise, pois estabelecem-se, para a origem da forma composta, um contexto sintático (ausência de verbo), um lugar no paradigma dos pronomes (2ª pessoa) e um contexto semântico (idéia de pluralidade, o que, indiretamente já havia sido assinalado por Diez). Tem-se, assim, três novas hipóteses: **Hipótese V – A forma composta originalmente ocorria em contextos sem verbo / Hipótese VI – A forma composta surgiu originalmente na segunda pessoa / Hipótese VII – A forma composta originalmente diferenciava singular e plural de polidez.**

A proposta de Pidal (1992 [1904<sup>1</sup>]:251) assemelha-se à de Nebrija, pois afirma que as formas do espanhol *nos-otros* e *vos-otros* eram empregadas apenas enfaticamente para pôr a 1ª ou 2ª pessoa em contraste com outra. A diferença está em explicitar o que estaria sendo enfatizado: o contraste entre pessoas. O problema está em não explicitar com quais pessoas se daria o contraste (não há exemplos do uso das formas compostas). Convém, ainda assim, levar em conta essa nova hipótese: **Hipótese VIII – As formas compostas originalmente contrastavam a 1ª ou a 2ª pessoa com outras.**

Já Lenz (1935 [1920<sup>1</sup>]:246-247) propõe que a constituição das formas compostas tenha começado com a primeira do plural, em que a forma *nosotros*, em oposição a *nos*, excluía a segunda pessoa. *Vosotros* não estaria em igual oposição a *vos*, porque não se pode incluir a primeira pessoa na segunda sem utilizar um plural inclusivo de primeira (*nosotros dos*, p. ex.); sua formação derivaria do modelo da primeira, assim como o plural fictício (cerimonial) de segunda teria derivado da primeira. Podem-se, assim, elencar mais três novas hipóteses: **Hipótese IX – A forma composta surgiu originalmente na primeira pessoa / Hipótese X – A forma composta de segunda surgiu por analogia à primeira / Hipótese XI – A forma composta originalmente constituía um plural exclusivo em relação à 2ª**

pessoa. A idéia de plural exclusivo já existiria indiretamente na proposta de Diez (cf. H-III), pois a designação de uma classe supõe a sua separação de um grupo maior.

Lapesa (1995 [1942<sup>1</sup>]:259 e 397) assinala que, inicialmente, as formas compostas punham em relevo o contraste com outra pessoa ou pluralidade. Acrescenta mais adiante que a contenda entre as formas simples e as compostas se resolveu em favor destas, pois não eram equívocas porque nunca designavam indivíduo singular, o que acontecia com as simples em usos reverenciais ou cortesias. Sua proposta, por um lado, coincide parcialmente com a de Meyer-Lübke, ao lidar com a idéia de distinção de número (cf. H-VII) — embora deixe claro que envolveria tanto a 2ª pessoa quanto a 1ª (cf. H-XII abaixo) —, e com a de Pidal, ao lidar com a idéia de contraste entre pessoas (cf. H-VIII); mas, por outro, diferencia-se ao associar essas duas idéias: **Hipótese XII — As formas compostas originalmente diferenciavam singular e plural de polidez tanto na 1ª quanto na 2ª pessoa.**

Bodmer (1944:331) atribui a origem das formas compostas do espanhol ao uso com o sentido de excluir indivíduos de um segundo grupo (tal como se faz em francês e italiano), mas naquele a forma composta teria substituído a simples. Trata-se certamente da mesma idéia de plural exclusivo já proposta antes por Lenz (cf. H-XI).

Kany (1994 [1945<sup>1</sup>]:81) assinala que muito cedo se acrescentou *otros* a *nos* e *vos* no espanhol, e as formas amalgamadas converteram-se definitivamente em plural facilmente distinguíveis de *nos* e *vos*, que desde o princípio eram utilizadas como formas singulares de respeito. Vê-se aqui uma proposta em perfeita consonância com a de diferenciação de número (singular x plural) exposta por Lapesa (cf. H-XII).

Gaya (1946:108-117) reformula e amplia a idéia de plural exclusivo de 1ª pessoa de Lenz (cf. H-XI) dizendo que esse

plural se poderia excluir não apenas a 2ª pessoa mas também qualquer outra, singular ou plural e ainda poderia ser utilizado para a própria 2ª pessoa (cf. H-XIII abaixo). Contesta, por isso, a idéia de analogia das H-XI e H-X, afirmando ainda não ser possível determinar em que direção teria sido influência entre a 1ª e a 2ª, caso tenha havido. Reforça também a idéia de ênfase (cf. H-I) e de distinção de número tanto na 2ª pessoa — mais freqüente — como na 1ª — menos freqüente (cf. H-XII). Por fim, explica a predominância de formas compostas como termo de uma preposição em função da utilização do pronome sujeito apenas em casos especiais de ênfase no espanhol, devido à conservação das desinências pessoais do verbo — cf. H-XIV abaixo — (o que explicaria a não-generalização de formas reforçadas no francês: o obscurecimento das desinências teria levado à obrigatoriedade do pronome sujeito que, sempre átono, não seria compatível com o reforço de *autres*, tônico)<sup>8</sup>. Curiosamente afirma que no galego-português as formas latinas teriam se conservado intactas! Em síntese, vê-se que duas novas hipótese devem ser listadas: **Hipótese XIII — As formas compostas (de 1ª e de 2ª) originalmente constituíam plurais exclusivos em relação a qualquer outra pessoa, singular ou plural / Hipótese XIV — As formas compostas surgiram originalmente em SPreps.**

Embora Spitzer (1947:170-175) trate de três temas muito relacionados à origem das formas compostas do espanhol: a preferência por *otros* em vez de *todos* (comum na língua inglesa, através de *all*) como meio de distinção do plural; a diferença entre a forma composta do espanhol (marcador quantitativo)

<sup>8</sup> Em trabalho anterior, Gaya (1990 [1943]:229 e 230) havia sintetizado o problema dizendo que a forma reforçada *nosotros* era, no princípio, enfática para contrastar a primeira pessoa com outras e, depois, foi usada como forma única de plural; tendo o mesmo acontecido em relação a *vosotros*. Na edição desse trabalho consultada aqui, aparece nota mencionado o seu trabalho de 1946 e ainda o de Spitzer (1947).

e a do francês (marcador qualitativo)<sup>9</sup>; e a transferência semântica em *vosotros*, de forma plural reverencial para não-reverencial, possibilitada pela introdução de *vuestras mercedes*, responsável pelo primeiro valor — especificamente em relação à origem, acolhe as propostas de Gaya.

Corominas (1954a:523) afirma que, no princípio, *nosotros* servia para dar ênfase à oposição entre a pessoa a quem se fala e o grupo ao qual pertence o falante - idéia abrangida pela H-XIII. Ao tratar de *vosotros*, Corominas (1954b:523) diz que começou a ser utilizado para evitar a ambigüidade de *vos* como pronome plural ou como pronome de reverência com valor singular (cf. H-XII), mas inicialmente teria apenas valor enfático: “*vosotros sí*, no *yo*” ou “no *nosotros*” (cf. H-I). Reproduz basicamente as mesmas idéias ao tratar de *nosaltres* e *vosaltres* no catalão: cf. Coromines (1985:962, 1991:399).

Alcover (1956:788, 1962:885) apenas informa que *nosaltres* e *vosaltres* derivam respectivamente de *nos altēros* e *vos altēros*, que seriam formas intensivas dos pronomes clássicos *nos* e *vos* e possuiriam o mesmo significado em relação a estes. Tal análise parece se aproximar da idéia de expletividade (cf. H-II), pois postula que as formas simples e compostas teriam o mesmo significado; além disso, supõe que as formas compostas já existiriam desde o latim (cf. H-IV).

Lausberg (1981 [1956-1962<sup>1</sup>]:325) assinala que em espanhol e em catalão o pronome é reforçado com *alteros/alteras* e ainda que *alteros* em línguas cuja presença é facultativa

<sup>9</sup> Esta diferenciação é especialmente interessante, pois é bastante freqüente, ao se falar das formas compostas, estabelecer relação de proximidade entre francês e espanhol / catalão: cf., p. ex., Meyer-Lübke (1974 [1890<sup>1</sup>]:103); Lenz (1935 [1920<sup>1</sup>]:246); Alonso & Ureña (1950:81); Wartburg (1953:193, 1957:635); Corominas (1954a:523, 1954b:762); Russell-Gebbett (1965:41); Elcock (1967 [1960<sup>1</sup>]:80); Giese (1963-1968:222); Posner (1970 [1966<sup>1</sup>]:150); Jordan & Manoliu (1980 [1972<sup>1</sup>]:284); Coromines (1985:962, 1991:399); e Penny (1992:124).



(ital., sard., fr.) reforça a oposição de dois grupos de pessoas, esta última idéia está muito próxima à da H-III.

Elcock (1967 [1960<sup>1</sup>]:79-80) afirma que as formas *nos* e *vos* eram, na língua falada, tornadas mais enfáticas através da adição de *alteri*, *-os*, o que explicaria o fr. *nous autres*, esp. *nosotros* etc., ou seja, trata-se da idéia presente na H-I.

Giese (1963-1968:221-225), analisando em especial as formas do catalão e do espanhol, acolhe as H-VI / H-VII (origem na 2ª pessoa para distinguir singular de plural) e também a H-I (ênfase), mas rejeita a hipótese de a 1ª pessoa ter se formado a partir da 2ª (muito levemente sugerida por Gaya) por considerar pouca a influência da 1ª pessoa do plural cerimonial. Para explicar a forma composta de 1ª pessoa, retoma a idéia de Lenz (cf. H-XI), mas eliminando a idéia de que o processo se iniciou na 1ª pessoa. Pode-se dizer que postula diferentes razões para o surgimento de cada forma composta (cf. H-XV abaixo) — distinção de número para a 2ª e plural exclusivo para a 1ª: **Hipótese XV — As formas compostas de 1ª e 2ª pessoa surgiram por motivos distintos.**

Russell-Gebbett (1965:41) afirma que primitivamente a aglutinação de *-altres* nas formas do catalão tinham conotação adversativa como no francês moderno. Como não explicita o que seria essa *conotação adversativa*, poder-se-ia pensar que, na verdade, está se referindo à idéia de plural exclusivo (cf. H-XIII)

Bec (1971-1972:476) afirma que a adjunção dos continuadores de *altĕri/altĕros* a *nos* e *vos* representa, no princípio, um emprego enfático e acabou por se gramaticalizar em esp., cat. e ocit., permanecendo enfática ou familiar em outras (fr., ital., port.). Vê-se aqui novamente a idéia já postulada na H-I (ênfase), mas alude-se à uma idéia de familiaridade até então não mencionada (restrita aos casos em que não houve gramaticalização: certamente aplicável ao português).

Jordan & Manoliu (1980 [1972<sup>1</sup>]:284-285) assinalam que a combinação de *nos* e *vos* com *otros* era enfática na sua origem e tornou-se forma costumeira. Sua frequência, que se viu aumentada pela combinação intensiva, deveria relacionar-se com o fato de que as formas simples de nominativo dos pronomes pessoais foram perdendo o seu caráter enfático e porque nas formas simples o caso sujeito podia confundir-se com o caso objeto<sup>10</sup>. Embora esta última observação constitua uma nova hipótese (cf. H-XVI abaixo), a primeira parte da proposta menciona a já referida idéia de ênfase (cf. H-I), especificando, porém, o valor a ser enfatizado — o de sujeito (cf. H-XVII abaixo), idéia que se contrapõe à de Gaya, que postulou ser enfatizado justamente o valor de complemento, pois o de sujeito já o seria pelo forma nominativa teoricamente dispensável em função das desinências verbais de pessoa): **Hipótese XVI — As formas compostas de 1ª e 2ª pessoa originalmente serviam para diferenciar caso sujeito de caso objeto / Hipótese XVII — As formas compostas de 1ª e 2ª pessoa originalmente serviam para enfatizar o valor de sujeito.**

Lathrop (1992 [1980<sup>1</sup>]:154-155) restringe-se a dizer que *nos* e *vos* tinham formas paralelas enfáticas no latim vulgar, *nos alteros* e *vos alteros*, e foram estas formas que se impuseram em espanhol, frente a *nos* e *vos*, em fins da Idade Média, idéias já expressas na H-I (ênfase) e na H-IV (origem no latim).

Alvar & Pottier (1987 [1983<sup>1</sup>]:123) atribuem o surgimento das formas compostas lexicalizadas do espanhol a dois fatos: um de caráter sintagmático (*nos* era un plural inclusivo; *nosotros*, exclusivo) e outro paradigmático (distinção entre *nos*

<sup>10</sup> Esta proposta de formação com base na necessidade de diferenciar sujeito do objeto é também defendida por Posner (1996:78), ao dizer que algumas línguas românicas tendem a adicionar *alteri/-os* "outros" à forma nominativa, ou pelo menos ao disjuntiva.

sujeito e *nos* complemento). A estes dois valores dever-se-ia acrescentar o caráter enfático do emprego de *otros* derivado precisamente do seu emprego exclusivo. Percebe-se aqui a retomada de três idéias já antes postuladas: **H-XIII** (plural exclusivo), **H-XVI** (marcação de sujeito) e **H-I** (ênfase)

Lloyd (1993 [1987<sup>1</sup>]:561) diz que os pronomes sujeito das pessoas 4 e 5 do verbo tinham, juntos às normais, formas enfáticas (*nos-otros* e *vos-otros*), que, ao final da Idade Média, passaram a ser utilizadas como formas normais, sem especial intenção enfatizadora, tal como se havia postulado na **H-I**.

Lleal (1990:243) informa que as formas complexas do espanhol *nos otros* e *vos otros* em função de sujeito (cf. **H-XVI**) aparecem inicialmente com valor enfático (cf. **H-I**) e também que a generalização da *vos* com um referente singular incrementou o uso da forma complexa *vos otros* (cf. **H-VII**), uso que se transferiu para a primeira pessoa (cf. **H-VI**) (p. 313). Ao tratar do catalão medieval (p. 263), afirma que o uso da forma *vos* como tratamento de cortesia (cf. **H-VII**) levou à utilização da forma complexa *vosaltres* para a função de sujeito plural (cf. **H-XVI**) ou complemento preposicional (cf. **H-XIV**), uso este que teria se transferido para a 1<sup>a</sup> pessoa *nosaltres* (cf. **H-VI**).

Penny (1992:124) diz que a combinação *vos + otros* já existia com valor contrastivo (cf. **H-VIII**), mas tornou-se uma forma não-marcada de plural, em oposição ao singular *vos* – o próprio autor havia assinalado antes (p. 120) que a forma expandida havia sido introduzida para distinguir o plural do freqüente singular *vos* (cf. **H-VII**); e ainda que provavelmente por imitação deste *nos* teria sido substituído por *nosotros* (cf. **H-VI**).

Bruguera i Talleda (1996:978) afirma que a formas *vosaltres* teria surgido para distinguir melhor o interlocutor singular, expresso por *vos*, tratamento de cortesia, do interlocutor plural (cf. **H-VII**) e por analogia ter-se-ia formado

*nosaltres*, para enfatizar a oposição entre a pessoa a quem se fala e o grupo a que pertence quem fala (cf. H-XIII) – vê-se aqui identidade em relação à proposta de origem distinta para a 1ª e a 2ª pessoas (cf. H-XV)

É certamente notável que tantas hipóteses tenham sido propostas neste último século de estudos lingüísticos, sobretudo pela sua diversidade e, em certos casos, incompatibilidade. Aparentemente a dificuldade de se chegar a um consenso deve estar relacionada ao método utilizado: o trabalho com dados isolados, sem se estabelecerem uma rigorosa seriação cronológica e uma massa quantitativamente relevante de ocorrências das formas em discussão, impede a confirmação e a refutação das hipóteses elaboradas<sup>11</sup>.

### 3. Pronomes compostos na história do português

A existência das formas compostas no português medieval é evidente, pois verifica-se sua ocorrência em diversos textos. Vejam-se abaixo alguns exemplos<sup>12</sup> (os negritos abaixo são nossos):

- (a) “*Edeus queyra que este Recontamento sseyra aproueyto das almas de **nos houtros** queo leemos*” / “*Eporẽ **vos outros** cõsijrade quem queredes que uos aJa de Reier 2 Regnar sobre uos*” (*Barlaão e Josafat*, fins do séc. XIV; ABRAHAM, 1938:103)

<sup>11</sup> Localizaram-se ainda dois estudos específicos sobre a questão dos pronomes compostos no espanhol: trata-se de García *et al.* (1990:63-132) e Eberenz (2000:58-84). Mas, dada a sua complexidade, a sua análise crítica ficará para uma outra oportunidade.

<sup>12</sup> Para ocorrências de *nós outros* / *vós outros* na *Carta*, de Pero Vaz de Caminha (datada de 1500), n’*Os Lusíadas*, de Luís de Camões (publicado em 1572), e na *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto (redigida por volta de 1570 e publicada em 1614), cf. Cambraia (2002).

- (b) “Uijnde **uos outros** pera m̃j que trabalhades. 7 soportades encarregos. 7 eu uos fartarey” (*Vida de Santo Aleixo*, fins do séc. XIV; ALLEN JR., 1953:49-50)
- (c) “E esto por tomarmos **nos outros** exêplo de fazer bem. ã nos guardarmos de mal.” (*Visão de Túndalo*, sécs. XIV-XV; CASTRO ET AL., 1985:38)
- (d) “Em verdade **vos outros** na ffremosura desta molher, nom ouvestes prazer e dellecto?” (*Vida de Santa Pelágia*, sécs. XIV-XV; CASTRO ET AL., 1985: 21)
- (e) “Ca, pero que elles queyram morrer desta guysa, eu nõ no hey por honrra de **nos outros** nem por batalha igual”. / “Cavalarya sen corações e olyvdadeyra de sua terra e das suas synas e do sey dereyto! E **vos outras**, companhas que aquy sodes comigo!” (*Crônica Geral de Espanha*, princípios do séc. XV; CINTRA, 1984: 122 e 119)
- (f) “naquelles casos que per boos confessores e leterados nos for determinado, assy **nos outros** nom a devemos mais alargar por seguirmos nossas vontades do que elles aprovarem.” / “Qual de **vos outros** assy cuydosos pode acrecentar em sua grandeza hũũ co´vodo; e das vystiduras, por que sempre cuidaaes?” (*Leal Conselheiro*, ca. 1437-8; D. DUARTE, 1942)
- (g) “quando extenderdes as uossas mããos amỹ • eu tornarey os meus olhos de **uos outros**” (*Livro de Isaac*, fins do séc. XV; CAMBRAIA, 2000: 216)

A extrema raridade dessas formas compostas no português contemporâneo demonstra que se trata, no mínimo, de uma forma em desuso na língua falada. É curioso como

certas gramáticas ainda citam essas formas ao descreverem a variante culta: fazem-no quando esclarecem que os pronomes *nós* e *vós* ocorrem após a preposição *com* quando seguidos de *outros* — alguns autores não dão exemplo algum para ilustrar tal fato (cf. BECHARA, 1978:95); outros apresentam apenas um sintagma para exemplificá-lo (cf. LIMA, 1972:284: “com nós outros”; TÓRRES, 1959:91: “com vós outros”; ALI, 1964:94: “com vós outros” / “com nós outros”<sup>13</sup>); e outros ainda ilustram com frases sem referência de origem (cf. CEGALLA, 1987:460: “Com nós outros isso não acontece” (grifo do autor); CUNHA & CINTRA, 1985:291: “Estava com vós outros” (grifo do autor)). A inexistência de abonações nas gramáticas extraídas de textos contemporâneos é um forte indicativo de sua raridade.

Embora em busca feita no texto integral do jornal *Folha de São Paulo* dos anos de 1994 e 1995 (cf. CAMBRAIA, 2002) não se tenha encontrado nenhuma ocorrência dessas formas compostas, sua presença em textos atuais pôde ser constatada de forma acidental (por coleta assistemática): das quatro ocorrências detectadas, três se deram em texto científico e uma em texto literário. Vejam-se abaixo esses registros:

- (a) “Quanto a esta, revela consignarmos que serviu a orientação de Julio Ribeiro, estremeada com opiniões de **nós outros**, como elle proprio deixa transparecer.” (MACIEL, 1931: 503)
- (b) “Se Nunes, um dos orifeus da ciência filológica, assim deslizava da verdade, que será de **nós outros**, que ensaiamos os primeiros passos?” (SILVA NETO, 1957: 58)

---

<sup>13</sup> O autor indica que este segundo exemplo foi extraído da obra *Os Lusíadas*, canto V, estrofe 69, verso 1-4. Para melhor esclarecer o contexto de ocorrência, convém reproduzi-lo aqui: “Desta gente refresco algum tomamos / E do rio fresca agoa, mas com tudo / Nenhum sinal aqui da Índia achamos / No pouo com nos outros casi mudo:” (CAMÕES, 1982:390-391).

- (c) “(...) seria infinitamente mais fácil para ele e a sua progênie, adotar palavras geradas ao acaso e que “fizessem sentido”, do que é para **nós outros**, mesmo com o auxílio de um computador eletrônico, reconstruir, por acaso, toda a complexidade do inglês moderno (...)” (ROCHA E SILVA, 1972: 38)
- (d) “Aquele monstro que se chamou Champollion descansava de seus estudos de egiptologia escrevendo uma gramática chinesa. Porém, **nós outros**, os (relativamente normais), que havemos de fazer? Palavras cruzadas?” (QUINTANA, 1983 [1977<sup>1</sup>]: 21-22)

O fato de só haver ocorrência de primeira pessoa do plural não é de surpreender, uma vez que a forma *vós* já caiu em desuso há mais tempo (curiosamente, entretanto, não se verificaram ocorrências de *vocês outros*). As duas primeiras ocorrências acima listadas devem ser interpretadas com reservas, pois são de autoria de estudiosos da língua portuguesa, acostumados com textos de outras épocas; a quarta ocorrência também deve ser vista com cautela, pois aparece em texto literário<sup>14</sup>, o que significa que sua presença pode se dever justamente ao fato de ser incomum, daí o efeito poético. Sendo assim, a única ocorrência que parece ser de falante contemporâneo não-vinculado profissionalmente à área das letras é a terceira.

Uma vez esclarecido o estatuto das formas compostas no português medieval e contemporâneo, pode-se então retomar a discussão sobre as hipótese para o surgimento dessas formas: seriam as 17 hipóteses arroladas na seção

---

<sup>14</sup> Uma outra hipótese para interpretar com reserva a ocorrência no texto de Mário Quintana é o fato de ser escritor gaúcho, pertencente, portanto, a região onde o contato com a língua espanhola é comum.

anterior pertinentes e aplicáveis em uma investigação sobre os pronomes compostos na história da língua portuguesa?

Levando-se em conta a natureza das hipóteses arroladas, vê-se que a grande parte delas deve ser considerada, pois lidam com aspectos pertinentes à história da língua portuguesa, tais como *oposição entre formas de singular e plural* (cf. H-VII e H-XI), *diferenciação de grupos ou emprego de plural exclusivo* (cf. H-III, H-VIII, H-XI e H-XIII), *expressão de ênfase/expletividade* (cf. H-I, H-II e H-XVII), etc.. Há, porém, uma hipótese cuja investigação não parece pertinente: a que diz respeito à diferenciação entre sujeito e objeto (cf. H-XVI).

A questão da diferenciação entre sujeito e objeto não parece pertinente ao português pelo fato de se ter estabelecido, nessa língua, um sistema de oposição entre as mencionadas categorias baseado não apenas na tonicidade (sujeito = forma tônica / complemento não-preposicionado = forma átona) mas também no timbre: emprega-se a forma com vogal média aberta para o primeiro caso e, atualmente, alta para o segundo (a média fechada sofreu alçamento em função do vocalismo átono no português). Diz-se aqui “aparentemente” pois é necessário saber quando essa oposição baseada no timbre se instalou no sistema pronominal a fim de avaliar se teria ocorrido suficientemente cedo na história do português para tornar desnecessário o recurso a formas complexas para diferenciar a função sintática.

Sendo a vogal dos pronomes *nōs* e *vōs* latinos, tanto de nominativo quanto de acusativo, longa, era de se esperar que tivesse resultado em vogal fechada, considerando-se o processo de evolução das vogais tônica latinas ao português. Fugiu ao esperado a forma tônica utilizada em função de sujeito (e também de complemento preposicionado), pois a vogal se abriu. A explicação que se encontra nos manuais tradicionais (DYEN, 1936:135; WILLIAMS, 1991:148-149; COUTINHO,



1970:253-254) é a mesma: a abertura da vogal teria se dado por influência de *nōstrum* e *\*vōstrum* (< *vestrum*), cujo resultado em vogal aberta segue regularmente a evolução do vocalismo tônico latino. Sobre a época em que a abertura da vogal teria ocorrido, a informação mais próxima é apresentada por Vasconcellos (1961:220), ao afirmar que “*nós, vós*, no CV rimam com *cós* «corpo», o que mostra que o *o* dos pronomes é já aberto”.

Assim sendo, se se admitir que a vogal dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas do plural tônicos já fosse aberta desde o século XIII, é muito pouco provável que a questão da distinção entre forma de sujeito e de objeto pudesse constituir uma motivação para as formas complexas no português, pois a oposição vogal aberta (forma tônica/sujeito) x fechada (forma átona/complemento) já realizaria essa função. Naturalmente a viabilidade dessa hipótese não deixa de existir para o espanhol, pois, tendo as vogais médias breves tônicas latinas se ditongado nessa língua, as formas de possessivo *nuestro* e *vuestro* não mais apresentavam vogal aberta para influenciar e diferenciar as formas do pronome pessoal tônicas. Já no caso do catalão, embora as vogais abertas dos pronomes possessivos não se tenham ditongado nessa língua (só ditongaram-se antes de iode), o que viabilizaria o emprego da diferença de timbre para a oposição sujeito x complemento (como no português), ainda assim a mudança de timbre (de fechado para aberto) nos pronomes tônicos não se deu, significando que, como no espanhol, a busca da diferenciação por meio de formas compostas seria possível.

**Resumé:** *Le présent travail a pour but (a) présenter une synthèse critique des études précédentes sur l'origine des formes composées du pronom personnel de 1<sup>ère</sup> e 2<sup>ème</sup> personnes du pluriel dans les langues romanes et (b) évaluer sa validité pour expliquer l'histoire de ces formes dans la langue portugaise.*

## Referências Bibliográficas

ABRAHAM, Richard D. *A portuguese version of the life of Barlaam and Josaphat: paleographical edition and linguistics study*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1938. (Series in Romanic Languages and Literatures, 29).

ALCOVER, Antoni M. *Diccionari català-valencià-balear: inventari lexicogràfic i etimològic de la llengua catalana en totes les seves formes literàries i dialectals*. Palma de Mallorca: [s.n.], 1956. Tom VII.

ALCOVER, Antoni M. *Diccionari català-valencià-balear: inventari lexicogràfic i etimològic de la llengua catalana en totes les seves formes literàries i dialectals*. Palma de Mallorca: [s.n.], 1962. Tom X.

ALI, Manuel Said. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ed. rev. e atual. Brasília: Ed. da UnB, 1964.

ALLEN JR., Joseph H. D. *Two old portuguese versions of the Life of Saint Alexis: codices alcobacenses 36 and 266*. Urbana: The University of Illinois Press, 1953. (Illinois Studies in Language and literature, vol. 37, n. 1).

ALONSO, Amado & UREÑA, Pedro Henríquez. *Gramática castellana - segundo curso*. 9. ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1950.

ALVAR, Manuel & POTTIER, Bernard. *Morfología histórica del español*. 1. ed. 1. reimpr. Madrid: Gredos, 1987. [1983<sup>1</sup>]

BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa*. 3. ed. Org. por José Pedro Machado. [s.l.]: [s.n.], 1957. [1540<sup>1</sup>]

BEC, Pierre. *Manuel pratique de philologie romane*. Paris: A & J. Picard, 1970-1971.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa: cursos de 1o e 2o graus*. 23. ed. São Paulo: Nacional, 1978.

BODMER, Frederick. *The loom of language*. New York: W.W. Norton, 1944.

BRUGUERA I TALLEDA, Jordi. *Diccionari etimològic*. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, 1996.

CÂMARA JR., Joaquim. Mattoso *Dicionário de lingüística e gramática*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. [1956<sup>1</sup>]

CAMBRAIA, César Nardelli. Livro de Isaac: *edição e glossário (cód. alc. 461)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2000. (Tese, Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa).

\_\_\_\_\_. Mudança interrompida na história do português: *nós outros e vós outros*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2, 2001, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Associação Brasileira de Lingüística, 2002.

CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*; reprodução paralela das duas edições de 1572. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

CARRETER, Fernando Lázaro. *Diccionario de términos filológicos*. 3. ed. 7. reimpr. Madrid: Gredos, 1987. [1953<sup>1</sup>]

CASTRO, Ivo et al. *Vidas de santos de um manuscrito alcobacense (coleção mística de fr. Hilário da Lourinhã, cód. alc. CCLXVI/ ANTT 2274)*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos/ Instituto Nacional de Investigação Científica, 1985.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 29. ed. São Paulo: Nacional, 1987.

CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Crónica geral de Espanha de 1344*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1951/1954/1961/1990. 4 vols. [Reimpr.: Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983/1984/1984/1990].

COROMINAS, Juan. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1954a. Vol. III.

\_\_\_\_\_. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1954b. Vol. IV.

COROMINES, Joan. *Diccionari etimològic i complementari de la llengua catalana*. Barcelona: Curial-La Caixa, 1985. Volum V: LL-NY.

\_\_\_\_\_. *Diccionari etimològic i complementari de la llengua catalana*. Barcelona: Curial-La Caixa, 1991. Volum IX: U-ZUM.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. rev. 3. impr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970. [1938<sup>1</sup>]

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. 5. reimpr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

D. DUARTE. *Leal conselheiro*. Ed. de, Joseph-Marie Piel. Lisboa: Bertrand, 1942.

DIEZ, Frédéric. *Grammaire des langues romanes*. 3. ed. Paris: Vieweg, 1874-1876. Vol. 3. [1836-1843<sup>1</sup>]

DYEN, Isidore. *Portuguese nosso and vosso, nós and vós*. *Language*, Baltimore, n. XII, p. 134-135, 1936.

EBERENZ, Rolf. *El español en el otoño de la edad media: sobre el artículo y los pronombres*. Madrid: Gredos, 2000. (Biblioteca Románica Hispánica, II. Estudios y Ensaïos, 422).

ELCOCK, W. D. *The romance languages*. 4. reimpr. London: Faber & Faber, 1967. [1960<sup>1</sup>]

GARCÍA, Érica; JONGE, Robert de; NIEUWENHUIJSEN, Dorine & LECHNER, C. (V)os-(otros): ¿dos y el mismo cambio? *Nueva Revista de Filología Hispánica*, México, v. 38, n. 1, p. 63-132, 1990.

GAYA, Samuel Gili. *Curso superior de sintaxis española*. 15. ed. Reimpr. Barcelona: Bibliograf, 1990. [1943<sup>1</sup>]

\_\_\_\_\_. Nos-otros, vos-otros. *Revista de Filologia Española*, Madrid, t. XXX, p. 108-117, 1946.

GIESE, Wilhelm. Vosaltres, nosaltres. *Estudis Romànics*, Barcelona, v. XII, p. 221-225, 1963-1968.

IORDAN, Iorgu & MANOLIU, Maria. *Manual de lingüística románica*. 1. ed. 1. reimpr. Madrid: Gredos, 1980. Vol I. [1972<sup>1</sup>]

KANY, Charles E. *Sintaxis hispanoamericana*. 1. ed. 2. reimpr. Madrid: Gredos, 1994. [1945<sup>1</sup>]

LAPESA, Rafael. *História de la lengua española*. 9. ed. 8. reimpr. Madrid: Gredos, 1995. [1942<sup>1</sup>]

LATHROP, Thomas A. *Curso de gramática histórica española*. 2. ed. 1. reimpr. Trad. de Juan Gutiérrez Cuadrado y Ana Blas. Barcelona: Ariel, 1992. [1980<sup>1</sup>]

LAUSBERG, Heinrich. *Lingüística românica*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981. [1956-1962<sup>1</sup>]

LEÃO, Duarte Nunes de. *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983. [1595/1604<sup>1</sup>]

LENZ, Rodolfo. *La oración y sus partes: estudios de gramática general y castellana*. 3. ed. Madrid: Centro de Estudios Históricos, 1935 [1920].

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 15. ed. refund. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

LLEAL, Coloma. *La formación de las lenguas romances peninsulares*. Barcelona: Barcanova, 1990.

LLOYD, Paul. M. *Del latín al español*. Madrid: Gredos, 1993. [1987<sup>1</sup>]

MACIEL, Maximino. *Grammatica descriptiva*. 2. milh. da 12. ed. augm. e refund. Rio de Janeiro/São Paulo: Francisco Alves, 1931.

MEYER-LÜBKE, Wilhelm. *Grammaire des langues romanes*. Traduite par Auguste et Georges Doutrepont. Genève/Marseille: Slaktine Reprints/Laffitte Reprints, 1974. Tome II: Morphologie. [1890<sup>1</sup>]

NEBRIXA, Antonio de. *Grāmatica de la le)gua castellana*. Salamanca, 1492. [Ed. facsimilada: Valência: Paris-Valencia S.L., 1997]

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa; fonética e morfologia*. 9. ed. Lisboa: Clássica, 1989.

OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da linguagem portuguesa*. Lisboa: Hermão Galhardo, 1536. [Ed. facsimilar: Lisboa: Biblioteca Nacional, 1988].

PAR, Anfós. *Sintaxi catalana segons los escrits en prosa de Bernat Metge (1398)*. Halle: Max Niemeyer, 1923. (Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie, LXVI).

PENNY, Ralph. *A history of the spanish language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

PIDAL, Ramón Menéndez. *Manual de gramática histórica española*. 21. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1992. [1904<sup>1</sup>]

POSNER, Rebecca. *The romance languages: a linguistic introduction*. Gloucester: Peter Smith, 1970.

\_\_\_\_\_. *The romance languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

QUINTANA, Mário. *A vaca e o hipogrifo*. 4. ed. Porto Alegre: LP&M, 1983. [1977<sup>1</sup>].

RAE [Real Academia Española]. *Diccionario de la lengua española*. Edición electrónica. Madrid: Espasa-Calpe, 1995. Versión 21.1.0.

RAYNOUARD, M. *Lexique roman, ou dictionnaire de la langue des troubadours*. Paris: Silvestre, 1842. Tome quatrième: L.-P.

ROCHA E SILVA, Maurício da. *A evolução do pensamento científico*. São Paulo: Huittec, 1972.

RUSSELL-GEBBETT, Paul. *Mediaeval catalan linguistic texts*. Oxford: The Dolphin Book Co., 1965.

SILVA NETO, Serafim da. *Manual de filologia portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

SPITZER, Leo. Vosotros. *Revista de Filologia Española*, Madrid, t. XXXI, p. 170-175, 1947.

TÔRRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Estudos de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1961.

WARTBURG, Walther. *Französisches etymologisches wörterbuch*. Basel: R. G. Zbinden & Co, 1953. Lieferung 47, Band VII: Nobiles.

\_\_\_\_\_. *Französisches etymologisches wörterbuch*. Basel: R. G. Zbinden & Co, 1957. Lieferung 56, Band XIV: uber-valde.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português*. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991. [1938<sup>1</sup>]